



GRANDMA'S BOY / 1922

(Harold Neto Animado)

Um filme de Fred Newmeyer

Realização: Fred Newmeyer / **Argumento:** Thomas J. Crizer / **Gags criados por:** Hal Roach, Sam Taylor, Jean Havez / **Fotografia:** Walter Lundin / **Interpretação:** Harold Lloyd (*o rapaz*), Mildred Davis (*a rapariga*), Anna Townsend (*a avó*), Charles Stevenson (*o valentão*), Noah Young (*o xérife*), Dick Sutherland (*o vagabundo*).

Produção: Hal Roach para Associated Exhibitors / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, mudo, intertítulos em francês, 66 minutos / **Estreia Mundial:** Los Angeles, 20 de Maio de 1922 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, 12 de Outubro de 1925.

O que distingue o humor burlesco de Harold Lloyd dos seus "compagnons de route" Chaplin, Keaton e Langdon, é o seu irreprimível optimismo, a fé cega no "american way of life", cujo modelo o levará a bom porto, nas sua variadas aventuras, na terra como no céu. O rosto impassível de Keaton, o ar aluado de Langdon e o olhar matreiro de Charlot, dão nele lugar a um riso franco e aberto, de quem não tem dúvidas. O humor de Lloyd abala, sobressalta graças às situações de perigo que exigem da sua parte uma grande "souplesse" e qualidades de ginasta, na linha do cómico de perseguição da escola de Mack Sennett, seguida pela companhia de Hal Roach onde Lloyd se lança em 1915 com a série "Lonesome Luke", o seu humor, dizia eu, abala por motivo do suspense em que se apoia, mas nunca perturba, nunca deixa espaço para dúvidas como, para falar só de filmes que são contemporâneos de **Grandma's Boy**, **The Pilgrim** de Chaplin ou **Cops** de Keaton. Harold Lloyd, que entre nós será crismado de várias maneiras: Ele (que mais não era do que a simples tradução de como era conhecido em Espanha, país onde, em fins dos anos 10 e ainda no começo dos vinte antes da penetração americana no mercado internacional, os nossos distribuidores se iam abastecer), Liró (que vingou durante algum tempo para muitos dos "two-reelers" que por cá foram exibidos, e que resultava duma corruptela do seu nome, da mesma forma que "Caïena" o era do "Cheyenne"-Harry Carey) e depois, muito simplesmente, Harold, durante toda a fase de longas metragens, representa o puro espírito do pioneiro, ou antes, o da sociedade de abundância e euforia que se vivia nos anos vinte antes do "crash". Ao contrário dos outros mestres do burlesco Harold é invariavelmente milionário, e quando não (**Grandma's Boy**) não tem problemas financeiros que possam servir, como em Chaplin, de base à construção de um "gag". É certo que Keaton está com frequência nas mesmas situações, mas a relação de cada um ao seu meio é quase oposta.

Grandma's Boy é a primeira longa metragem (em cinco bobinas) de Harold Lloyd, projecto já acarinhado pelo actor desde há dois anos quando duplicara os "one reels", e é consequência inevitável no percurso de todos os mestres do burlesco. De facto, o filme de uma ou duas bobinas

apenas proporciona (e se destina) a apresentação rápida de uma série de "gags". E isto acaba por cansar o espectador, por um lado, e por outro limita o próprio poder criativo do autor. Lloyd afirmou num texto que *«o público não pode suportar uma longa tensão da mesma natureza. É preciso dar-lhe, paralelamente, um pouco de patético e um pouco de seriedade.»* Isto era também a constatação, por parte do autor, que o crescimento do personagem requeria um maior desenvolvimento psicológico se se desejava integrá-lo numa história mais desenvolvida. Antes desta tentativa, Harold Lloyd fez uma série de cinco filmes de três bobinas todos realizados por Fred Newmeyer que será o seu colaborador permanente até **The Freshman** (1925), com que termina a série de produções independentes passando em 1926 para a Paramount. Primeira longa metragem, teve por isso um cuidado especial na construção do argumento, e é (entre os que conheço) o mais bem construído desta série, apenas ultrapassado, mas especialmente na construção dos "gags", pelo genial **Safety Last**. A história de Harold começa com ele ainda bebé e adolescente com uma série de situações que lhe vão provocar, em adulto, um marcado complexo de inferioridade. Será em adulto que, face às reiteradas violências e desprezos a que é sujeito, que a avó lhe revela o segredo da coragem. É praticamente toda a história do personagem Harold: o amuleto que lhe dá a coragem revela-se um falso talismã: foi a confiança em si e o optimismo com que enfrenta as situações que lhe permitiram vencer o complexo. A narrativa da velha que conta como o avô venceu um regimento nortista durante a guerra da Secessão graças ao dito talismã, proporciona a Harold Lloyd uma variante no seu personagem. Infelizmente na cópia que possuímos tal sequência está em grande parte truncada. **Grandma's Boy** está recheado de "gags" divertidíssimos, embora, segundo a estratégia do burlesco de longa metragem, se acumulem nas últimas bobinas: desde a captura do vagabundo com as incríveis perdas e achados por entre as sebes do campo, e a perseguição de automóvel, até ao ajuste de contas com o valentão causa dos seus pesadelos de adolescente. Em toda essa sucessão se manifesta de forma irresistível essa fé e optimismo de que falámos atrás. Ao fim e ao cabo, o cinema de Harold Lloyd acaba por ser um dos melhores testemunhos do espírito que impregnava a América durante os anos 20.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico